

## 1

Lolita, brilho da minha vida, fogo dos meus flancos. Minha alma, minha lama. Lo-lii-ta: a ponta da língua enrola no palato e desliza, três socalcos, até que estaca, ao terceiro, nos dentes. Lo. Li. Ta.

Era Lo, só Lo, pela manhã, com seu metro e quarenta e sete e uma só peúga. Era Lola de calças, Dolly na escola. Era Dolores no tracejado onde assinava o nome. Mas nos meus braços era sempre Lolita.

Teve, acaso, uma precursora? Lá isso teve. Na realidade, talvez nem chegasse a haver Lolita se eu não tivesse amado num verão certa primeira rapariga-criança. Num principado ao pé do mar. Oh, quando? Quase tantos quantos os anos antes de Lolita ter nascido era a minha idade nesse verão. Não há nada como um assassino para prosa rebuscada.

Senhoras e senhores do júri, a prova número um é aquilo que os serafins invejaram, de majestosas asas, esses simples e mal informados serafins. Atentem nesta rodilha de espinhos.

## 2

Nasci em 1910 em Paris. O meu pai era uma pessoa amável, descontraída, uma salada de genes de várias raças: cidadão suíço, de origens misturadas de França e Áustria, com um jato de Danúbio nas veias. Dentro em pouco já passo em roda uns encantadores postais ilustrados de azul-brilhante. Era proprietário de um hotel de luxo na Riviera. O seu pai e os seus dois avôs vendiam vinho, joias e seda, respetivamente. Aos trinta casou com uma rapariga inglesa, filha de

Jerome Dunn, o alpinista, e neta de dois párocos protestantes de Dorset, especialistas em assuntos obscuros: a paleopedologia e as harpas eólicas, respetivamente. A minha mãe, que era muito fotogénica, morreu numa monstruosa catástrofe (piquenique, relâmpago) tinha eu três anos e, à exceção de uma algibeira de calor nas mais recônditas trevas do passado, nada subsiste dela nos vales convexos da memória, sobre os quais, para quem ainda conseguir suportar o meu estilo (estou a escrever sob vigilância), o sol da minha meninice declinou; decerto, todos conheceis esses perfumados resquícios de dias suspensos, com as melgas em torno de um qualquer arbusto no início da floração ou repentinamente transpostos pelo ocioso passeante, no sopé de uma colina, num ocaso estival; um calor felpudo, melgas douradas.

A irmã mais velha da minha mãe, Sybil, que um primo do meu pai desposara e depois abandonara, servia na minha família mais próxima como uma espécie de governanta e doméstica a título gracioso. Mais tarde houve alguém que me disse que ela se apaixonou pelo meu pai e que ele tirou alegremente partido da circunstância em certo dia pluvioso, para depois se esquecer quando desanuviou o tempo. Eu gostava imenso dela, apesar da rigidez — a fatal rigidez — de algumas das suas regras. Talvez ela quisesse fazer de mim, a seu tempo, melhor viúvo do que o meu pai. A tia Sybil tinha olhos azul-cobalto debruados de cor-de-rosa e uma tez de cera. Escrevia poesia. Era poeticamente supersticiosa. Dizia que sabia que havia de morrer pouco depois do meu décimo sexto aniversário, e assim fez. O marido dela, um grande caixeiro viajante de perfumes, passava a maior parte do seu tempo na América, onde acabou por fundar uma empresa e adquirir alguns bens imóveis.

Cresci, criança feliz e saudável, num mundo luminoso de livros ilustrados, areia limpa, laranjeiras, cães amigos, vislumbres de mar e rostos sorridentes. À minha volta, o esplêndido Hotel Mirana girava como uma espécie de universo privado, um cosmos caído dentro do cosmos azul mais vasto que lá fora resplandecia. Desde aquele que areava as panelas de avental ao soberano nos seus atavios de flanela, todos gostavam de mim, todos me mimavam. Respeitáveis anciãs americanas debruçadas nas suas bengalas inclinavam-se para mim como torres de Pisa. Princesas russas arruinadas que não conseguiam pagar ao meu pai ofereciam-me bombons dispendiosos. Ele, o *mon*

*cher petit papa*, levava-me a passear de barco e a andar de bicicleta, ensinava-me a nadar e a mergulhar e a fazer esqui aquático, lia-me o *Don Quixote* e *Les Misérables*, e eu adorava-o e respeitava-o e ficava feliz por ele sempre que ouvia sem querer os criados a trocarem impressões sobre as várias senhoras suas amigas, criaturas lindas e amáveis que me consideravam muito e arrulhavam e derramavam preciosas lágrimas sobre a minha alegre orfandade de mãe.

Eu frequentava uma escola inglesa a alguns quilómetros de casa, onde jogava raquetes e ténis de mão, e tinha notas excelentes e dava-me lindamente com colegas e professores. Os únicos acontecimentos precisos de ordem sexual que me recordo de terem sucedido antes do meu décimo terceiro aniversário (ou seja, antes de ter visto pela primeira vez a minha Annabel) foram: uma conversa solene, decorosa e exclusivamente teórica sobre as surpresas da puberdade no roseiral da escola com um miúdo americano, filho de uma atriz de cinema que era uma grande celebridade da altura e que ele raramente via no mundo tridimensional; e algumas reações interessantes da parte do meu organismo a certas fotografias, de tons de penumbra e pérola, com refegos abrindo-se numa suavidade infinita, na sumptuosa *La Beauté Humaine* de Pichon, que surripiei de baixo de uma montanha de *Graphics* encadernados com peles de velino na biblioteca do hotel. Mais tarde, com os seus deliciosos modos joviais, o meu pai deu-me toda a informação sobre sexo de que precisava, precisamente antes de me mandar, no outono de 1923, para um *lycée* em Lyon (onde passaríamos três invernos); infelizmente, porém, no verão desse ano ele andava a passear por Itália com a Mme. de R. e a sua filha, e eu não tive ninguém a quem me queixar, ninguém que me aconselhasse.

### 3

Annabel era, tal como o escritor, de paternidade mista: meio inglesa, meio holandesa, no caso. Recordo hoje as suas feições muito menos distintamente do que há alguns anos, antes de conhecer Lolita. Há duas espécies de memória visual: aquela em que recriamos habilmente uma imagem no laboratório da mente, com os olhos abertos (e aí vejo Annabel em termos tão genéricos como: «pele da cor do mel»,

«braços esguios», «cabelo castanho liso pelo pescoço», «longas pestanas», «boca grande e radiosa»), e a outra, em que evocamos instintivamente, de olhos fechados, do lado de dentro das pálpebras às escuras, a réplica objetiva, totalmente ótica, de um rosto amado, um pequeno fantasma ao vivo e a cores (e é assim que eu vejo Lolita).

Permitam-me, portanto, que me limite pudicamente, na descrição de Annabel, a dizer que era uma criança encantadora poucos meses mais nova do que eu. Os seus pais eram velhos amigos da minha tia, e igualmente empregados. Tinham alugado uma vivenda não muito longe do Hotel Mirana. O calvo e tisonado Mr. Leigh, e a anafada Mrs. Leigh (Vanessa van Ness, de solteira), conservada em pó de arroz. Como eu os desprezava! Ao princípio, eu e Annabel conversávamos sobre assuntos periféricos. Ela estava constantemente a levantar mãos-cheias de areia fina, deixando-a escorregar entre os dedos. Tínhamos as cabeças feitas tal e qual a dos pré-adolescentes europeus do nosso tempo, igualmente constituídas, e interrogo-me sobre a quota-parte de génio individual que se poderia atribuir ao nosso interesse pela pluralidade dos mundos habitados, pelo ténis de competição, pelo infinito, pelo solipsismo, e assim por diante. O tato macio e a fragilidade dos bichos bebés provocava-nos a mesma dor intensa. Ela queria ser enfermeira num qualquer país asiático faminto. Eu queria ser um espião famoso.

Sem apelo nem agravo, apaixonámo-nos um pelo outro, louca, torturada, desavergonhada e desajeitadamente; também com desespero, devo acrescentar, já que aquele furor de possessão mútua só podia ser acalmado se realmente embebêssemos e assimilássemos toda e qualquer partícula da alma e da carne um do outro; mas dávamos por nós assim, incapazes de acasalar com a oportunidade fácil que teriam certamente achado as crianças dos bairros desfavorecidos. Após uma tentativa arrebatada que fizemos de nos encontrarmos certa noite no jardim dela (mais pormenores adiante), a única privacidade a que tínhamos direito era a de estarmos fora do alcance auditivo, mas não visual, da parte mais frequentada da *plage*. Aí, na areia macia, a poucos passos dos mais velhos, estendíamo-nos pela manhã fora, num paroxismo petrificado de desejo, aproveitando cada bendita folga de espaço e tempo para nos tocarmos; a mão dela, meio escondida na areia, esgueirava-se até mim, os seus dedos esguios e morenos deslizando, sonâmbulos, cada vez mais próximos; a seguir, o seu joelho opalescente encetava

uma longa viagem cautelosa; às vezes, uma afortunada barreira construída pelas crianças mais novas concedia-nos suficiente refúgio para roçarmos os lábios salgados um do outro; estes contactos incompletos faziam com que os nossos jovens corpos, saudáveis e inexperientes, atingissem um estado de tal maneira exasperante que nem sequer a água azul e fria, debaixo da qual nos beliscávamos, aliviava.

Entre certos tesouros que perdi nas deambulações da minha idade adulta, havia a *snapshot* que a minha tia tirou com Annabel, os seus pais, e o cavalheiro plácido, idoso e coxo, um tal Dr. Cooper, que nesse verão cortejava a minha tia, à volta da mesa de um café de esplanada. Annabel não ficou favorecida, porque foi apanhada no delito de se debruçar para o seu *glacé* de chocolate, e praticamente só se conseguiam identificar os seus delgados ombros brancos e o risco do cabelo por entre a difusa mancha soalheira em que se dissolvia o seu encanto perdido; eu, contudo, algo apartado dos restantes, sobressaía com uma espécie de saliência dramática: um rapaz carrancudo com sobrolho de escaravelho numa camisa desportiva escura e calções brancos de bom corte, pernas cruzadas, sentado de perfil, a desviar o olhar. A fotografia foi tirada no último dia do nosso verão fatal e escassos minutos antes de fazermos a nossa segunda e derradeira tentativa para contrariar o nosso destino. Com o pretexto mais estapafúrdio (era a nossa última oportunidade e já nada nos importava), escapámo-nos da esplanada do café para a praia, onde encontrámos um pedaço de areal deserto, e aí, sob a sombra violeta de umas rochas vermelhas que formavam uma espécie de gruta, entregámo-nos a uma breve sessão de ternuras ávidas, tendo por única testemunha os óculos escuros perdidos de alguém. Estava eu de joelhos, pronto para possuir a minha querida, quando dois banhistas barbudos, o velho do mar e o seu irmão, emergiram das ondas a incentivar-nos com exclamações ordinárias, e quatro meses depois ela morreu de tifo em Corfu.

#### 4

Folheio estas infelizes memórias uma e outra vez, e pergunto-me constantemente se foi então, no brilho fugaz daquele verão remoto, que começou o desatino da minha vida; ou não seria antes esse meu